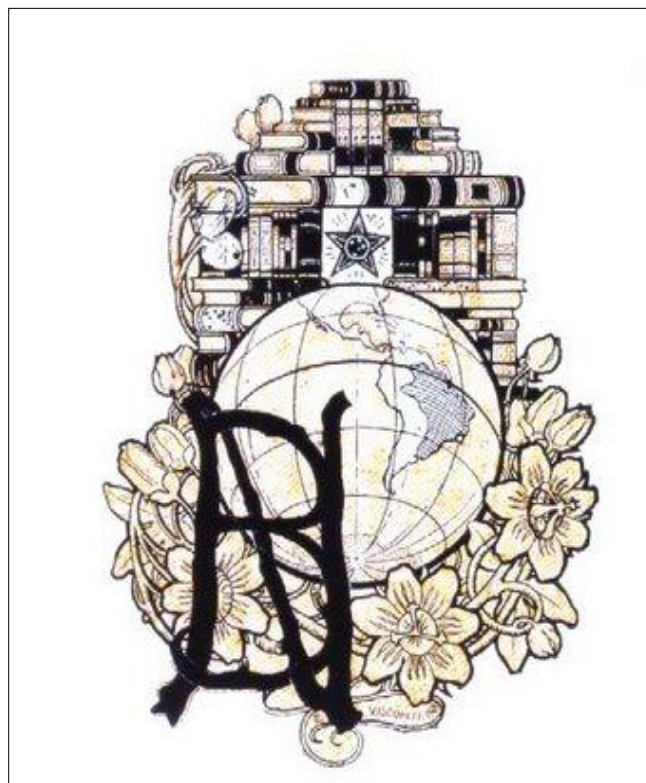


# Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

2013

# Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC



Ana Carolina Carvalho de Almeida Nascimento

Histórias de Lobisomem:  
Obrigação e Criatividade na Literatura de Cordel

2013

*Ê aquinderreis!  
Ê Aruandê!  
Que vai fazê  
com capoeira?  
Ele é mandingueiro  
e sabe jogá...<sup>1</sup>*

## I.

A Biblioteca Nacional guarda um importante acervo de literatura de cordel, composto por cerca de 2500 folhetos. Antes dispersos em diversas seções da Biblioteca, começaram a ser organizados como uma coleção na década de 1980, a partir da atuação de Bráulio do Nascimento, especialista em romances e contos populares, e antigo funcionário da instituição. A maior parte dos folhetos encontra-se na Seção de Música, uma vez que esta literatura surgiu e se desenvolveu através de performances orais, não apenas faladas, mas cantadas (Sandroni, 2008). No ano de 2012 a seção de Depósito Legal da Biblioteca realizou uma vigorosa campanha de captação de folhetos para a atualização do acervo<sup>2</sup>. Como reflexo desta ação, ganha destaque na coleção a produção contemporânea de literatura de cordel por poetas que vivem no estado do Rio de Janeiro.

Historicamente a presença dos poetas de cordel no Rio de Janeiro está fortemente ligada à Feira de São Cristóvão. Entre as várias versões que circulam em entrevistas, livros e folhetos de cordel sobre a formação da Feira, uma foi adotada como oficial pelos dirigentes da mesma: a Feira teria nascido em setembro de 1945 quando o poeta paraibano Raimundo Santa Helena, diante de um grupo de soldados, fez uma leitura do folheto “Fim da Guerra” escrito por ele (Santa Helena, 1945). Depois daquilo, o lugar teria se firmado como ponto de encontro de cordelistas e repentistas que ali passaram a se reunir para dar boas-vindas aos recém chegados com cantorias e pelepas improvisadas (Nemer, 2012). Na versão de outro poeta paraibano, Mestre Azulão, a

---

<sup>1</sup> Cânticos de capoeira colhidos por Edison Carneiro na Bahia da década de 1930 (Carneiro, 1991 [1937])

<sup>2</sup> Sobre a coleção de folhetos de cordel da Biblioteca Nacional, ver Grings, Luciana; Del Giudice, Daniele . Desafios contemporâneos para o depósito legal brasileiro: a captação da Literatura de Cordel. In: III Seminário Internacional de Políticas Públicas, 2012, Rio de Janeiro. Artigos do III Seminário de Políticas Públicas Culturais, 2012.

feira teria sido formada em torno do comércio de produtos nordestinos promovido por João Gordo (Santos, 1981). Os depoimentos mais recentes de Santa Helena demarcam um notável sentido de afastamento em relação ao espaço (Santa Helena, 1999 e Lima, 2011). Mestre Azulão é o único remanescente da primeira geração de cordelistas da Feira que continua atuando no local.

No ano de 1988, foi fundada outra importante instituição para a literatura de cordel na cidade do Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), pelo cearense Gonçalo Ferreira da Silva. A proposta de fundação de uma academia de letras para o cordel não era consenso entre os poetas.

Hoje a maior parte dos aproximadamente 50 cordelistas residentes na cidade organiza-se em torno de um e/ou outro destes dois espaços institucionais e há aqueles que atuam de forma independente, dizendo preferir “não se comprometer”. O cordel contemporâneo circula em bancas de feira (Feira de São Cristóvão, Campo de São Bento, Favela da Rocinha, Complexo do Alemão, Duque de Caxias, Feira da Glória), livros ilustrados publicados por grandes editoras, pelejas virtuais produzidas em sites e blogs na internet, CDs, material de ensino em escolas, peças publicitárias, programas de rádio e televisão, novelas, enredos de escolas de samba, espetáculos de teatro.

No contexto do circuito da literatura de cordel no Rio de Janeiro, em que não há apenas poetas nordestinos, mas também mineiros e cariocas, o papel do vínculo com a terra e os antepassados constitui propriamente uma questão, algo aberto à reflexão, ao debate, à discordância (Goldman, 2012). Para alguns, a capacidade de cantar os folhetos seria uma característica própria da fala do nordestino, da formação de seu corpo, e de um ritmo que se adquire por conviver com poetas e cantadores desde a infância. Um dos poetas nascidos no estado do Rio de Janeiro, Isael de Carvalho, questiona esta associação, publicando no verso de seus folhetos “Poeta de cordel, natural de Brejal, Petrópolis, Isael vem comprovar que a literatura de cordel não está restrita aos poetas do Nordeste, ela é universal!” (Carvalho, 2011).

Podemos pensar no folheto como um poderoso mediador entre o Rio de Janeiro e o nordeste, o sertão e a capital, a oralidade e a escrita, o popular e o erudito, os homens e seus antepassados, o passado e o presente, os mortos e os vivos, o céu e a terra, os seres humanos e as divindades (Gonçalves, J.R.S, 2007).

Gostaria de propor neste artigo algumas reflexões sobre invenção e criatividade a partir de uma das peças do acervo da Fundação Biblioteca Nacional, o folheto de

cordel O Encontro de Luiz Gonzaga com Mestre Waldemar no Céu, de autoria do poeta de cordel carioca Victor Alvim Itahim Garcia, publicado no ano de 2007.

Será discutido em conjunto outro texto do autor, produzido no ano de 2012 sob a forma de um depoimento audiovisual. Neste, o poeta, provocado pelas perguntas de um entrevistador, descreve o processo de composição de seus cordéis e reflete acerca dos significados de sua produção poética. Trata-se de uma elaboração ao mesmo tempo sobre a obra e sobre ele próprio, o modo como constrói sua pessoa enquanto um poeta de cordel.

Realizo uma breve digressão para apresentar o contexto de realização do depoimento. A Academia Brasileira de Literatura de Cordel é uma instituição que promove a reunião de poetas, produção, editoração, venda, guarda de folhetos, difusão de acervo e pesquisa, participando de editais públicos para financiamento e premiação de seus projetos. No ano de 2011 foi contemplada pelo projeto Ponto de Memória, do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Fernando Assumpção, coordenador de projetos da ABLC, propôs o registro da memória oral de 20 poetas da Academia no projeto “Nossos Mestres do Cordel” (Assumpção, 2012).

## II.

O cordel contemporâneo é um fenômeno de criação cultural realizado por múltiplos setores e grupos que adquire formas variadas de atualização (Gonçalves, 2010). Cada poeta ao narrar como se tornou especialista naquilo que faz e descrever as formas de produção e circulação de seus versos e folhetos, participa do desenho de um campo social e criativo complexo e variado (Sautchuk, 2012). A narrativa de Victor sobre sua iniciação no universo do cordel e como se tornou poeta é inseparável da narrativa sobre sua atuação nos universos da capoeira e do samba, produzindo discursivamente uma relação de afinidade entre as três formas expressivas.

O espaço escolhido para a entrevista foi um cômodo de sua casa no bairro de Maria da Graça. Prestemos atenção ao mundo material que Victor montou em torno de si: uma das paredes inteiramente cobertas por quadros emoldurados contendo fotografias de seus grupos de capoeira, cartazes de divulgação de uma peça de teatro da qual integrou o elenco e reportagens da imprensa sobre a mesma; flâmula com o brasão da Academia Brasileira de Literatura de Cordel; medalha de acadêmico; pôsteres impressos com capas de seus cordéis; atabaques apoiados no chão, agogô, triângulo e pandeiro pregados à parede; nas prateleiras de uma estante, chapéu de couro e bonecos

de barro de Mestre Vitalino. Cobrindo toda a porta de entrada, um tecido estampado pela imagem de São Jorge. Victor aparece no vídeo vestido com uma camiseta nas cores vermelha e branca, estampada por uma imagem de Zé Pilintra, entidade da umbanda associado aos malandros, sambistas e capoeiras. No blog criado para divulgar apresentações e compartilhar textos<sup>3</sup>, a fotografia de abertura traz o próprio caracterizado tal qual Zé Pilintra: camisa, calça social, sapato e cinto brancos, chapéu panamá branco com faixa vermelha e, por baixo da camisa social, a mesma camiseta vermelha com a imagem da entidade usada na gravação do depoimento.

Nascido no Rio de Janeiro em 1973<sup>4</sup>, aos 18 anos de idade Victor iniciou-se na capoeira nas aulas ministradas por Mestre Camisa<sup>5</sup> no bairro das Laranjeiras, onde recebeu o apelido de Lobisomem. Entre os poetas de cordel é comum o ritual em que um poeta mais velho, mais experiente ou mais reconhecido batize o iniciante, como reconhecendo-o e legitimando-o como poeta. Lobisomem vai adotar o mesmo apelido que recebeu de seu mestre de capoeira para seu nome de poeta de cordel. A iniciação é revestida de sentido místico: *tive uma luz que dizia que aqui era meu caminho*<sup>6</sup>. Hoje Lobisomem atua profissionalmente como capoeirista membro da Abada-Capoeira (Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte Capoeira), compositor e cantor de músicas de capoeira e samba, além de ministrar aulas da prática para crianças, adolescentes e adultos em creches, escolas, academias e projetos sociais. Participa de

---

<sup>3</sup> <http://quintal-do-lobisomem.blogspot.com.br/>

<sup>4</sup> Os demais poetas de cordel no Rio de Janeiro estão na faixa dos 50 aos 90 anos de idade, sendo Lobisomem o mais jovem do grupo.

<sup>5</sup> A biografia de Mestre Camisa nos dá alguma ideia do lugar ocupado por Lobisomem entre as linhagens de mestres de capoeira do estilo chamado regional: José Tadeu Carneiro Cardoso (Mestre Camisa) nasceu em Jacobina, Bahia no ano de 1955. Iniciou-se na capoeira nos anos 60, com seu irmão mais velho, Camisa Roxa. Em seguida mudou-se para Salvador, indo morar na Lapinha, onde continuou a praticar capoeira nas rodas de rua, principalmente nas de Mestre Valdemar e Traíra, que eram realizadas na Rua Pero Vaz. Posteriormente foi treinar na academia de Mestre Bimba (fundador do estilo Capoeira Regional) onde se formou. Rodou todo o Brasil fazendo demonstrações de capoeira na equipe de seu irmão. Em 1972, com 16 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro e começou a dar aulas em academias. No Rio de Janeiro Camisa se dedicou à pesquisa da capoeira e desenvolveu seu próprio método de ensino, seguindo os conceitos inovadores de Mestre Bimba. Passou a ensinar capoeira pelo grupo Senzala. Por volta de 1988 separou-se deste grupo e fundou a Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte-Capoeira (Abadá-Capoeira). Viajou para mais de 60 países divulgando a cultura brasileira e ensinando capoeira. Em 2011 recebeu o título de Doutor Honoris Causa outorgado pelo Conselho Universitário da Universidade de Uberlândia. (Fonte [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mestre\\_Camisa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mestre_Camisa)).

<sup>6</sup> Todas as citações de falas de Lobisomem neste artigo, destacadas em itálico, foram transcritas do referido depoimento (Assumpção, 2012). Optei pelo grifo em itálico para distinguir as citações presentes na fala de Lobisomem das demais citações provenientes de seus textos escritos.

shows, apresentações, festivais de música, programas de rádio e televisão, produção e gravação de cds “sempre procurando divulgar e elevar o nome da capoeira e da cultura popular brasileira<sup>7</sup>”.

Scott Head em artigo sobre um livro publicado pelo mestre de capoeira Russo de Caxias trata de uma preocupação difundida entre seus praticantes, a realização de estudos e produção de textos sobre capoeira pelos próprios capoeiristas: “saber a fundo (...) por quem tem laços fraternais ou espirituais com a capoeira” (Head, 2012). Neste sentido Lobisomem interessou-se em pesquisar a história da capoeira, passando a frequentar a Biblioteca Amadeu Amaral, do Museu de Folclore Edison Carneiro, no Rio de Janeiro. Não encontrando há vinte anos atrás literatura específica sobre o tema, se dedicou a estudá-lo em livros que tratavam de outras manifestações da cultura popular. Foi através destas leituras que conheceu o cordel e o repente. Marca que tendo sido *nascido e criado* no Rio de Janeiro nunca havia ouvido falar sobre literatura de cordel entre seus familiares ou em sua escola.

Em suas viagens como capoeirista, pensadas por Lobisomem como seus estudos informais (*escutando as músicas nas rodas, conversando com os metres, vivendo a capoeira mesmo*), passou a observar que outras manifestações da cultura popular são praticadas pelos capoeiristas em cada região do Brasil:

*A capoeira nunca anda sozinha, ela sempre leva com ela o samba de roda, o maculelê, o jongo. As manifestações populares da região onde se está praticando a capoeira caminham juntas, às vezes os capoeiristas são integrantes do maracatu... Então um leque de cultura popular se abriu pra mim.*

Um senso comum entre os cordelistas é que o cordel não tem um tema, mas pura forma (Gonçalves, 2010). Como disse certa vez o poeta Gonçalo Ferreira da Silva: “As histórias falam desde a Grécia Antiga até a ocupação do Alemão, mas o que dá a característica do cordel é a métrica e a rima”. O caráter de obrigatoriedade imposto pelas regras de métrica e rima é valorizado pelos poetas de cordel como definidor de sua prática. Os estilos de métrica e rima mais usados são as sextilhas (seis versos de sete sílabas cada), rimando entre si o segundo, o quarto e o sexto versos, mas há a quadra (estrofes de quatro versos), a septilha (estrofes de seis versos com sete sílabas), as

---

<sup>7</sup> Texto biográfico redigido por Lobisomem para acompanhar seus versos publicados na Antologia Brasileira de Literatura de Cordel, livro lançado todos os anos pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel (Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2007)

oitavas (oito versos de sete sílabas), as décimas (dez versos de sete sílabas), o martelo agalopado (dez versos de sete sílabas), o galope à beira mar (dez versos de onze sílabas)<sup>8</sup>. Já o universo musical da capoeira seria formado, segundo Lobisomem, por quatro tipos de cânticos principais - ladainha, corrido, chula e quadra - e uma diversidade de outras possibilidades, que dependeriam menos de uma regra geral que da apropriação de cada mestre. Parte de seu aprendizado de poeta de cordel é o domínio da distinção entre os dois sistemas de classificação musical: *a quadra na capoeira nem sempre quer dizer que ela tem quatro versos, uma sextilha pode ser chamada de quadra*.

Sua iniciação no cordel teria se dado em 2005, quando estava sendo preparada uma festa comemorativa dos 50 anos de Mestre Camisa. Lobisomem estava produzindo um disco com músicas em sua homenagem. Intencionando compor uma das músicas, começou a escrever a história do mestre em versos. Sabia-a bem por conviver e pesquisar, explica Lobisomem, estas são suas formas de conhecer. Ao perceber que o material biográfico seria muito extenso para apenas uma música, resolveu transformá-lo em cordel: *escrevi numa noite e vi que já tinha um cordel todo em sextilha*. Deu-lhe o título de Mestre Camisa: 50 anos de lutas e vitórias.

Pesquisando na internet descobriu o site da Academia Brasileira de Literatura de Cordel e entrou em contato buscando ajuda para corrigir seus versos de acordo com as modalidades de rima e métrica características dos folhetos de cordel. Recebeu a resposta do então acadêmico Jota Vitor: *ele elogiou muito, falou que pra um marinheiro de primeira viagem, não tinha nenhum pé quebrado* (o pé é a unidade rítmica do poema, quebra-se o pé quando erra-se a rima). O incentivo do presidente da Academia, Gonçalves Ferreira da Silva, foi decisivo para resolver publicar os versos no formato de folheto de cordel: *ter o apoio da Academia de Cordel, a marca da Academia, é uma chancela, quer dizer que a Academia está dizendo que aquilo tem qualidade*. Alguns anos depois foi empossado em uma das cadeiras do quadro acadêmico. Convidou o xilogravador da Feira de São Cristóvão, Erivaldo, cujo trabalho havia conhecido através do site da ABLC, para desenhar a capa do folheto. Idealizou uma festa de lançamento na Feira,

---

<sup>8</sup> Sextilha é uma estrofe de seis versos, com sete sílabas cada, rimando entre si o segundo, o quarto e o sexto verso, deixando órfãos (sem rima) o primeiro, terceiro e quinto versos. Quadrão é uma estrofe de oito versos de sete sílabas, os três primeiros rimados entre si, depois rimam o quinto, sexto e o sétimo e, finalmente, o quarto com o último. Não há versos soltos. No martelo agalopado as estrofes têm dez versos, de dez sílabas cada. O esquema rítmico predominante é ABBAACCDDC. Fonte: Academia Brasileira de Literatura de Cordel. *Métricas do Cordel*. Site da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Disponível em: <<http://ablc.com.br/metricas.html>>. Acesso em 25 nov. 2015.



realizada durante o encontro internacional de capoeiristas, convidando a se apresentar o famoso poeta e repentista Mestre Azulão, e contando também com a presença do presidente da ABLC, Gonçalo Ferreira da Silva.

Todos os poetas de cordel em atividade no Rio de Janeiro apresentam três principais referências de poetas como fundadores ou lideranças do circuito: Mestre Azulão (José João dos Santos), Raimundo Santa Helena e Gonçalo Ferreira da Silva, organizados, respectivamente, em torno de três espaços ou instituições, a Feira de São Cristóvão, no Campo de São Cristóvão, o Museu de Cordel Raimundo Santa Helena, no bairro de Rocha Miranda<sup>9</sup>, e a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, no bairro de Santa Teresa. As relações entre os poetas mais velhos são marcadas pela via da disputa. O sentido de peleja parece estruturar tanto a forma como os folhetos são compostos como as relações sociais entre os poetas. No entanto Lobisomem busca ativamente circular entre a Feira e a Academia, descrevendo as relações com Gonçalo e Azulão, seus mestres na literatura de cordel, a partir das mesmas palavras que escolhe para tratar das suas formas de aprendizado com o mestre de capoeira: conversar, observar, conviver, viver.

Pontua em sua narrativa que mesmo depois do lançamento do primeiro folheto não pensava em ser cordelista, *não passava na minha cabeça me tornar um cordelista, tinha feito aquilo ali e pronto, ia seguir meu caminho na capoeira*. Mas começou a frequentar as plenárias mensais da ABLC, conviver com cordelistas, conhecer histórias de cordel, continuou seus estudos em livros, e logo teve a ideia para compor seu segundo folheto “Histórias e Bravuras de Besouro, o Valente Capoeira”.

Sua experiência produzindo e divulgando eventos da capoeira foi acionada para divulgar os seus folhetos de cordel. As edições foram financiadas pelo próprio poeta, bem como festas de lançamento, que exigiam grande investimento de trabalho e dinheiro, ocasionando dívidas para financiar decoração temática, contratação de equipamento de som, ensaios de orquestra de berimbau executando músicas dos homenageados, fabricação de camisetas estampadas pelas capas do cordel. O custo da edição associado à carência de pontos de distribuição e baixo volume de vendas nos pontos existentes no Rio de Janeiro são problemas apresentados recorrentemente pelos poetas de cordel. Vai se desenhando um campo em permanente transformação, novos

---

<sup>9</sup> O museu encontra-se desativado em decorrência das sucessivas enchentes que atingiram a residência do poeta (Nemer, 2012).

personagens, espaços, instituições, projetos e arranjos vão sendo gestados. A estratégia de divulgação de Lobisomem foi bem sucedida, conseguindo vender 400 folhetos em apenas uma noite, número dificilmente alcançado no contexto do Rio de Janeiro

O investimento rendeu-lhe cobertura de jornais e televisão e convites para se apresentar em outros eventos. Um destes ganha especial importância na narrativa de Lobisomem, a chamada a participar de uma viagem pelas cidades de Santo Amaro da Purificação, Maracangalha e Salvador divulgando o cordel sobre o capoeirista baiano Besouro Mangangá: *Esse cordel do Besouro foi uma abertura de porta total. Tem todo um lance místico que eu acredito por trás disso, essa viagem pra Bahia abriu várias portas pra mim.*

O forte sentido místico que aparecia na narrativa de sua iniciação como capoeirista, volta a ser acionado no relato de sua feitura como poeta de cordel. De volta ao Rio de Janeiro, é convidado a integrar o elenco da peça de teatro Besouro Cordão de Ouro, premiado espetáculo musicado pelo compositor Paulo Cesar Pinheiro.

### III.

Os folhetos seguintes de Lobisomem inauguram uma longa série de pelejas e encontros entre “personagens clássicos da capoeira” e “personagens clássicos da cultura popular do nordeste”, conforme apresentado pelo autor, misturando cenários e temporalidades distintos. Os encontros, pelejas, discussões, brigas e intrigas são modalidades do cordel mais próximas do repente. Cada folheto de Lobisomem integra um sistema de relações não só com o conjunto de seus folhetos, mas com uma rede de autores. O poeta iniciante entende seu lugar como implicado em uma relação de troca obrigatória com a tradição da literatura de cordel no Brasil: *É quase uma obrigação, se eu sou cordelista, tenho que escrever sobre Luiz Gonzaga, Lampião e Padre Cícero. Quero ter esse prazer, essa honra, e também é como uma obrigação.*

Cada uma das duplas de personagens é composta nos versos a partir de um jogo de aproximações e distanciamentos: Besouro Mangangá e Lampião como valentões, perseguidos pela polícia<sup>10</sup>; Luiz Gonzaga e Mestre Waldemar como exímios tocadores de seus respectivos instrumentos musicais, a sanfona e o berimbau<sup>11</sup>; Jackson do

---

<sup>10</sup> A peleja de Lampião com Besouro Mangangá

<sup>11</sup> O Encontro de Luiz Gonzaga com Mestre Waldemar no Céu

Pandeiro e Mestre Canjiquinha<sup>12</sup> como cantadores polêmicos e engraçados; Zumbi dos Palmares e Mestre Bimba<sup>13</sup> seriam militantes pela dignidade do povo nordestino. Já a relação traçada entre Padre Cícero e Mestre Caiçara<sup>14</sup> seria de antagonismo, o primeiro um religioso católico, o segundo adepto do candomblé. Um das estratégias de divulgação e distribuição dos folhetos da qual lançou mão foi a venda em congressos de capoeira, alcançando relativo sucesso entre o público especializado<sup>15</sup>. O poeta de cordel sempre ocupou este papel de ser tradutor de mundos outros para seu universo (Gonçalves, 2010).

O folheto O Encontro de Luiz Gonzaga com Mestre Waldemar no Céu integra esta série. As primeiras estrofes de uma história do gênero dos encontros na literatura de cordel apresentam seus personagens. Lobisomem demarca as características que os aproximam:

Dois homens bem renomados  
Na cultura popular  
Amavam seus instrumentos  
Eram mestres no tocar  
E a vida do nosso povo  
Descreviam ao cantar  
(Garcia, 2007)

Os versos seguem traçando a vida de cada um: data e local de nascimento (Gonzaga em 1912, Pernambuco; Waldemar em 1916, Bahia), instrumentos musicais que passaram a dominar com maestria (sanfona e berimbau); ritmos que executavam (baião e capoeira); ano da morte (1989 e 1990, respectivamente). Não tendo se conhecido em vida, Lobisomem promove seu encontro no céu, escolhido por ser (ele justifica no depoimento) um dos cenários mais presentes na tradição da literatura de cordel, assim como o inferno.

---

<sup>12</sup> O desafio de Jackson do Pandeiro com Mestre Canjiquinha

<sup>13</sup> Zumbi & Bimba Símbolos da Resistência Afro-Brasileira

<sup>14</sup> O Debate de Padre Cícero com Mestre Caiçara no Céu

<sup>15</sup> Outros títulos do autor sobre capoeiristas: Nascimento Grande – Um Gigante da Capoeira Pernambucana, A luta do Mestre Gigante contra o Lubizone, Manduca da Praia – O Lendário Capoeira do Rio Antigo, A Peleja de Boa Voz com o Cantador Misterioso, Histórias e Bravuras de Besouro - o Valente Capoeira, Um menino chamado Besouro capoeira, ABC da Capoeira para crianças.

Ao se avistarem, os personagens proferem elogios de admiração recíprocos e trocam pedidos de canções. O poeta enumera a longa lista de canções entoadas por Gonzaga: Baião, Pau de Arara, Assum Preto, Juazeiro, Moda da Mula Preta, Pé de Serra, Boaiadeiro. O estudo clássico de Mikhail Bakhtin sobre a cultura popular na Idade Média e no Renascimento analisa a organização especial do vocabulário da praça pública, dos dias de festa e de feira (Bakhtin, 2008). Este vocabulário é marcado por enumerações sonoras solenes, que visam a se impor pela quantidade dos nomes e títulos, intermináveis séries de nomes e títulos e acumulação de verbos e adjetivos, ocupando por vezes várias páginas. Já Mestre Waldemar canta versos de folhetos clássicos da literatura de cordel, transformados em ladainha, estilo de canção da capoeira: A Peleja de Riachão, A Donzela Teodora, A vida de Pedro Cem, O Valente Vilela. No parágrafo introdutório ao folheto, o autor explica que velhos mestres de capoeira baianos como Bimba, Pastinha, Traíra, Cobrinha Verde e Waldemar da Paixão eram fascinados e influenciados pela literatura de cordel. Um terceiro protagonista da história, São Pedro, faz o pedido de que cantem juntos a canção Asa Branca, “o hino do sertão”, acompanhada de sanfona e berimbau. A cena final reúne uma série de personagens: anjos e santos; Jesus Cristo e a Virgem Maria; Januário e Gonzaguinha, pai e filho de Gonzaga: Mestre Bimba e Mestre Pastinha, todos assistindo à apresentação.

Na data do aniversário de 60 anos da primeira gravação de Asa Branca Lobisomem produziu uma festa de lançamento do folheto na sede da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Serviu baião de dois e promoveu um sarau, com forró, capoeira e cordel. Contratou um sanfoneiro, que interpretou a canção acompanhado de atabaque e berimbau.

Uma breve descrição da apresentação física do folheto: trata-se de um folheto de 10 páginas, formado por 39 estrofes, cada uma com 6 versos. Na capa, a xilogravura de Erivaldo traz Luiz Gonzaga com a sanfona e Mestre Waldemar com o berimbau. No verso da segunda capa, parágrafos introdutórios sobre literatura de cordel, literatura de cordel no Brasil, xilogravura e a relação entre capoeira e cordel. Na última página, a biografia do autor, ilustrada por uma colagem fotográfica em que aparecem Lobisomem ao microfone, ladeado por Gonzaga na sanfona e Mestre Waldemar tocando o berimbau, como se formassem uma banda.

Na contracapa estão estampados os brasões da Academia Brasileira de Literatura de Cordel e o logotipo da associação ABADA, seguidos da menção aos patrocinadores

Museu da República, Associação de Apoio ao Museu de República, Petrobrás, Governo Federal e Lei de Incentivo à Cultura, e a indicação de que o cordel foi publicado com recursos do Projeto Capoeira Viva. Entre os poetas de cordel no Rio de Janeiro são diversas as possibilidades de se editar folhetos: edições caseiras, por aqueles que não podem arcar com os custos de uma impressão profissional, publicação em papel jornal por gráficas especializadas em folhetos e ainda grandes editoras que publicam livros ilustrados de capa dura. O cordel patrocinado por editais públicos, como este de Lobisomem, representa mais uma alternativa neste cenário plural e nos dá uma ideia de sua capacidade de se integrar aos meios de promoção e divulgação disponíveis.

#### IV.

O poeta descreve seu processo criativo em quatro etapas. A primeira, se cercar de materiais – livros, músicas, gravações – que tratem do personagem a ser abordado ou tenham sido compostos pelo próprio, *pra ficar pensando naquilo o dia todo*. A segunda, o esforço de incorporar o ponto de vista de seus personagens, sua linguagem e forma de pensar.

A terceira é propriamente classificada pela palavra invenção, criando seus próprios sentidos e significados não só para os personagens, mas para o nordeste e o Rio de Janeiro, o samba e a capoeira, a escrita e o canto.

A estrofe de abertura do encontro de Luiz Gonzaga com Mestre Waldemar faz uma invocação ao leitor, chamando a atenção para o caráter extraordinário da história que ouviu e irá recontar e já abrindo espaço para um jogo de desconfiança em relação à veracidade dos fatos:

Ouvi contar uma história  
Que vou narrar pra vocês  
Um fato inusitado  
Que alguém duvide talvez  
Um encontro dos dois poetas  
Que aconteceu certa vez  
(Garcia, 2007)

Lobisomem se isenta de escrever como um historiador, cotejando versões e polêmicas envolvendo a vida de seus personagens. Opõe a “prisão” que seria imposta pelo empreendimento biográfico à “liberdade” proporcionada pelo verso.

Seguindo a leitura do cordel, logo à frente é explicitado que a narrativa escapa de um compromisso com a informação, sendo produto da criação do cantador.

Nunca tive a informação  
Que houvessem se encontrado  
Tiveram muito em comum  
Mas cada um no seu lado  
Se pudesse eu teria  
O encontro realizado  
(Garcia, 2007)

Walter Benjamin faz uma distinção entre relato e informação. Enquanto o primeiro recorre frequentemente ao miraculoso, desde o início se libertando do ônus da explicação verificável, a segunda aspira a uma verificação imediata. Para este autor, metade da arte da narrativa estaria em evitar explicações (Benjamin, 1975).

A quarta etapa seria a abertura às mudanças de rumo dos personagens que acontecem no decorrer da escrita. Aqui Lobisomem estabelece a distinção entre os poetas que apenas operam a técnica, as modalidades de métrica e rima, aos que de fato compõem, criam, motivados pela inspiração, categoria cara aos cordelistas.

#### IV.

Benjamin, em seu famoso ensaio de 1936, apresenta os narradores tradicionais como sujeitos hábeis em contar em recontar histórias. Entre estes existiriam dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras: o primeiro o dos viajantes, que trazem consigo o saber que vem de longe, o segundo o dos homens que conhecem bem as histórias e tradições da localidade em que sempre viveram (Benjamin, 1975).

Lobisomem associa a primeira série de seus cordéis às histórias de terras distantes:

*Pra falar de cangaceiro, Padre Cícero é uma coisa distante pra mim,  
que eu não vivenciei. A minha realidade, da minha vida toda, da  
minha juventude, não foi estar no meio do gado, ouvir história de  
cangaceiro. Foi viver na cidade, com outros personagens, outras  
figuras.*

Através de suas pesquisas, viagens, conversas com pessoas mais velhas, foi adquirindo um repertório de palavras, rimas e temas para contas histórias de cangaceiros e vaqueiros do nordeste.

Já seus títulos mais recentes comporiam a série do “cordel com sotaque carioca”, como ele classifica: A Chegada de Bezerra da Silva no Céu, A Lendária História de Arlindo Cruz E o Bagaço da Laranja, Jovelina Pérola Negra E a Confusão na Feirinha da Pavuna, A chegada de Tim Maia no céu, A fantástica história de Zeca Pagodinho, o disco voador e o extraterrestre, Caciqueando em cordel - 50 anos do Cacique de Ramos. Os personagens do samba carioca integrariam um universo com o qual estabelece uma relação de intimidade, uma vez que sua atuação profissional como músico de samba é ainda anterior à iniciação na capoeira. Compõem também esta segunda série os cordéis que dão conta de sua “religiosidade misturada”: O Maravilhoso Encontro de Jorge Benjor com São Jorge; O Magnífico Encontro de Zeca Pagodinho com a Patota de Cosme & Damião.

O conceito de etnobiografia, tal qual formulado por Gonçalves, Marques e Cardoso (2012), pensando os mundos socioculturais como produção da imaginação pessoal criativa dos indivíduos que dele fazem parte, parece ser interessante para lermos a história de Lobisomem, ou as histórias de Lobisomem, como um dos muitos mundos possíveis, ou formas possíveis de ser poeta e fazer cordel: aquela criada por um jovem capoeirista sambista da umbanda carioca.

Assumpção, Fernando. *Nossos Mestres do Cordel – Lobisomem* [Filme-vídeo]. Direção de Fernando Assumpção. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2012. 92 min, col., son.

Academia Brasileira de Literatura de Cordel. *Antologia Brasileira de Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2007.

Bakhtin, Mikhail, “O vocabulário da praça pública na obra de Rabelais”. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo/ Brasília, Hucitec/ Editora Universidade de Brasília, 2008 [1965].

Benjamim, Walter. “O narrador”. In *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1975 [1936].

Carneiro, Edison. *Negros Bantos*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1991 [1937].

Carvalho, Isael de. *Profeta gentileza, o maluco beleza da paz*. S.l; s.n, 2011. [folheto de cordel]

“Cordel legal – É raro um cordelista enviar suas obras para a Biblioteca Nacional, mas uma nova política deverá garantir o aumento do acervo”. *Revista de História da Biblioteca Nacional* (versão eletrônica), publicado em 02/01/2012. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/por-dentro-da-biblioteca/cordel-legal>.

Garcia, Victor Alvim Itahim (Lobisomem). *O Encontro de Luiz Gonzaga com Mestre Waldemar no Céu*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2007. [folheto de cordel]

Goldman, Marcio. “O dom e a iniciação revisitados: o dado e o feito em religiões de matriz africana no Brasil”. In *Mana Revista de Antropologia*. Museu Nacional 18 (2), 2012.



Gonçalves, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro, IPHAN/ DEMU, Coleção Museu, Memória e Cidadania, 2007.

Gonçalves, Marco Antonio. “Cordel híbrido, contemporâneo e cosmopolita”. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*. Rio de Janeiro, v.4, n.1, 2007.

Gonçalves, Marco Antonio. “Experiência contemporânea através do cordel”. In Trotta, F.; Bezerra, A. C.; Gonçalves, M. A.; *Operação Forrock*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana, 2010.

Gonçalves, Marco Antonio. “Imagem-palavra: a produção do cordel contemporâneo. In *Sociologia e Antropologia*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. v.1, n.2, nov 2011.

Gonçalves, M. A.; Marques, R. e Cardoso, V. Z. (Orgs). *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2012.

Grings, Luciana; Del Giudice, Daniele . Desafios contemporâneos para o depósito legal brasileiro: a captação da Literatura de Cordel. In: III Seminário Internacional de Políticas Públicas, 2012, Rio de Janeiro. Artigos do III Seminário de Políticas Públicas Culturais, 2012.

Head, Scott. “Mestre Russo de Caxias: um jogo improvisado entre etnografia e biografia”. In Gonçalves, M. A.; Marques, R. e Cardoso, V. Z. (Orgs). *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2012.

Lima, Ludmilla de. “Uma feira popular e que nasceu da saudade”, *Jornal Extra*, Rio de Janeiro, 26 nov. 2011.

Nemer, Sylvia Regina Bastos. *Feira de São Cristóvão contando histórias, tecendo memórias*. Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2012.

Sandroni, Carlos. “Cordel como patrimônio imaterial”. *100 cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel*/ [organização e curadoria de Gonçalo Ferreira da Silva]. Mossoró, Queima-Bucha, 2008.

Santa Helena, Raimundo. *Fim da Guerra*. Rio de Janeiro, R. Santa Helena, 1945. [folheto de cordel]

Santa Helena, Raimundo. *Depoimento*. Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, 12/11/1999.

Santos, José João dos (Mestre Azulão). *A feira dos nordestinos no campo de São Cristóvão*. Rio de Janeiro/ Guarabira, Tip. Pontes, 1981. [folheto de cordel]

Sautchuk, João Miguel. *A poética do improviso: prática e habilidade no repente nordestino*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2012.